



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16008 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

CURRÍCULO DAS NARRATIVAS MUDIÁTICAS SERIADAS: SINTOMATOLOGIAS, CONTRAINDICAÇÕES E PROFILAXIAS

Evanilson Gurgel de Carvalho Filho - UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-árido

Marlécio Maknamara - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Currículo das narrativas midiáticas seriadas: sintomatologias, contraindicações e profilaxias

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um compacto de alguns achados de uma pesquisa de doutorado que tomou como objeto de investigação o currículo das narrativas midiáticas seriadas, significando-o como um artefato cultural implicado na “pedagogização” das existências e na delimitação de vidas como vivíveis e como matáveis. Fundamentado teórica e metodologicamente no campo dos Estudos Culturais em uma perspectiva pós-crítica, buscamos investigar as imagens de vida e de morte nos ensinamentos de gênero, sexualidade e raça no referido currículo. Com isso, passamos a reconhecer como esses marcadores da diferença social podem atualizar linhas que convergem na constituição de um “sorvedouro de vidas”, o qual nomeamos de “dispositivo da catastrofização”, que por sua vez tem demandado um modo de subjetivação zumbi, que carrega os traços de um mundo em colapso e que é urdido na modelização e serialização dos sujeitos.

Para apresentar tais achados, nos aproximamos da metáfora da “febre” para aludir a uma popularidade extrema que costumeiramente é atribuída a artefatos midiáticos, sobretudo aquele que aqui analisamos. Afinal, narrativas seriadas têm ganhado cada vez mais notoriedade, angariando um público amplo, dada a sua capacidade de seduzir e convocar a sua audiência a tornar-se um “público seriador”. A “febre”, portanto, não é apenas uma força de expressão para

aludir a sua disseminação “viral” em nossa sociedade. Nesse sentido, organizamos nosso texto em um formato similar ao de uma bula medicamentosa, cujo objetivo é o de apresentar algumas *sintomatologias*, *contraindicações* e *profilaxias* das narrativas midiáticas seriadas e suas “contaminações” no campo do currículo.

Nesse sentido, o que desejamos argumentar com esse texto é que a própria vida passou a ser valorizada como uma expressão a ser acolhida, divulgada e ensinada pelos mais variados currículos. Consequentemente, eleger uma determinada forma de expressão como aquela “adequada” ou “legítima” possibilita que outros modos de vida sejam significados como “intoleráveis”, “indignos” e “extermináveis”.

Temos concebido o currículo como uma confabulação coextensiva à vida. Um agenciamento capaz de eleger quais modos de vida serão produzidos e como eles serão apresentados. Uma maquinação na qual é possível qualificar a vivibilidade de existências, ao ponto dos sujeitos por ela interpelados terem as suas vidas garantidas ou aniquiladas. Trata-se de um campo híbrido que acopla discursos, imagens, experiências, saberes e raciocínios, em uma trama de poder, de modo a deflagrar o que é “normal” e “anormal”, o que é “vivível” e o que é “não vivível” (Butler, 2017). Este é o foco do presente artigo, que em uma incursão cartográfica evidencia algumas das nossas inquietações frente ao currículo das narrativas midiáticas seriadas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Sintomatologia: impotência do desejo

Parece não ser necessário que o Ministério da Saúde nos advirta: *o consumo excessivo de narrativas midiáticas seriadas pode causar a impotência do desejo!* No entanto, diferentemente do que é comumente figurado nas imagens de homens desolados com a sua disfunção erétil devido ao uso inadvertido de nicotina, não se trata aqui de um desejo encerrado em uma ordem meramente sexual – embora alguns dos nossos achados evidenciem também que essa expressão da economia dos nossos prazeres também pode ser afetada (Autor).

O desejo que se pretende debilitar, castrar, torná-lo impotente é o desejo que, conforme nos mostrou Deleuze e Guattari (2011), é fábrica, produção, potência, matéria intensiva, agenciador de multiplicidades. Desejo que não deve ser compreendido como “falta”, uma vez que não lhe parece um objeto correspondente, não há um “mundo lá fora” pelo qual ele miraria com os seus próprios olhos. Esse desejo vacuolizado em uma eterna busca por preenchimento é fruto de uma metanarrativa da transcendência de um mundo para além do nosso, aquilo que Deleuze e Guattari (2011) se referiram como o “regime negativo” da produção do desejo. No entanto, se há algum “modelo” associado ao desejo, este não é o da

carência, mas do excesso, dos fluxos que continuamente escorrem e transbordam. Em outras palavras, o que é próprio ao desejo não é a sua repressão, mas sim a sua produção incessante – ainda que o seu produto objetivo perseguir a própria servidão e o esmagamento das singularidades.

Portanto, argumentar em torno da *impotência do desejo* não é cair na cilada de referir-se a sua suposta “falta”. É uma questão de vida ou de morte. Quando um rizoma se fecha e o desejo é exterminado, nada mais passa. E o desejo, antes capaz de “deixar-nos arrastar pelo próprio movimento da vida” (Paraíso, 2009, p. 280), passa a se manifestar em seu nível mais estratificado, controlado, sobrecodificado. Se outrora esse desejo poderia implodir as formas dominantes à golpes de agenciamentos coletivos, ele passa a retornar a um certo território existencial estável, próprio das identificações molares, tornando-nos ensurdecidos às possibilidades de expandirmos e sermos afetados. Nossos corpos passam a ser atravessados “pela paranoia persecutória às diferenças e às singularidades” (Carvalho, 2021, p. 182) e passamos a ser assombrados por uma espécie de produção fantasmática do desejo: a percepção sensorial de que algo sempre nos falta e, assim, o desejo torna-se réu da sua própria insatisfação frente a sua suposta incompletude. Vulnerável ao seu corrompimento, o desejo deixa de “agir pelo impulso de preservar a própria vida e tende, inclusive, a agir contra ela” (Rolnik, 2018, p. 110).

Essa não é uma atividade ao acaso, mas uma racionalidade intrínseca às capturas capitalistas necessárias para dar musculatura ao fenômeno de “programação da vida” em funções próprias aos atuais e sofisticados esquadrinhamentos de necropoder. Trata-se de uma “ritmação” das nossas existências em cadências já bem estabelecidas, um certo “preenchimento de ciclos programados” (Carvalho, 2021, p. 188) que culminam em sujeitos produzidos em uma lógica “atacadista”. Mas para que esses “fardos de posições de sujeito” sejam produzidos, inúmeros artefatos culturais e tecnológicos que atualmente dispomos atravessam esse processo de serialização dos modos de existência.

Para tanto, as narrativas midiáticas seriadas têm obstinadamente reportado a sua audiência. A plataforma de *streaming* Netflix, por exemplo, reiteradamente se dirige ao público a partir de mensagens em redes sociais como Facebook e Twitter, valendo-se de imagens, gifs, vídeos e montagens bem-humoradas, “prevendo” uma “maratona” em nosso futuro^[1], ou organizando em um calendário^[2] a quantidade de episódios que devemos assistir com o intuito de mantermo-nos “em dia” com as nossas obrigações de um/a assíduo/a consumidor/a. Afinal, é inaceitável que uma série que estreou há pouco mais de um mês ainda não esteja em nossas listas de “assistidos recentes” e é preciso urgentemente corrigir essa falha, uma vez que esse artefato “*não vai se assistir sozinho*”^[3].

As mensagens compartilhadas pelo perfil da referida plataforma não têm como objetivo apenas publicizar o seu catálogo, mas efetivamente produzir e disponibilizar significados acerca de como ela deseja que sua audiência se comporte e quais hábitos devem ser incorporados por ela. Nesse sentido, divulga a “prática da maratona” para o seu público seriador. Tal prática é disponibilizada no intuito de reforçar a dimensão biopolítica da constituição de uma “cultura seriadora”. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia do artefato para aumentar as chances de sucesso nas posições de sujeito que ele demanda a partir dos textos e imagens veiculados por seus episódios. Compreender a maratona como uma importante empreitada biopolítica é atentar para o seu mecanismo de se encarregar, simultaneamente, de um corpo individual e de uma população em geral, como um investimento particular para a constituição do seu “público seriador”.

Um/a “maratonista” é aquele/a que assiste rapidamente aquilo que lhe é ofertado, investindo em uma “*watchlist*”^[4] cada vez mais extensa de narrativas a serem consumidas. Trata-se daquele indivíduo capaz de passar horas com os olhos vidrados na tela, mesmo que ao final desse exercício dispendioso ele se assemelhe aos monstros que as séries fazem referência – a exemplo da imagem fantasmática que a Netflix utiliza para mostrar como um/a seriador/a ficaria após uma “*maratona de 10 horas*” e, com isso, aproveita para divulgar a sua série original sobre uma mansão mal-assombrada^[5]. No entanto, um bom ou uma boa “maratonista” não é aquele/a que se aventura apenas no novo, mas aquele/a que também percorre caminhos já conhecidos. Isso é bem lembrado pelo perfil do twitter do serviço de *streaming* Prime Video, ao fazer um comentário jocosos sobre aqueles/as que reassistem uma mesma narrativa seriada pela “24ª vez”^[6]. Preocupado/a com a sua dependência em termos de consumo cada vez mais agudo de narrativas midiáticas seriadas, uma vez que o *binge-watching* pode estar associado a um maior risco de morte^[7]? Não precisa se aborrecer, pois segundo o perfil do *streaming* GloboPlay, “*esse vício tá liberado!*”^[8]

2.2 Contraindicações: marcadores da diferença social

O que devo saber antes de maratona este artefato cultural? Tão logo passamos a investigar – e, conseqüentemente, maratona! – este currículo, chegamos a algumas linhas que o constituem, produzidas a partir de ecos com a violência e com a morte. Têm resíduos do *gore*, subgênero dos filmes de terror no qual as imagens do sangue derramado e as tripas evisceradas são tomadas pelo signo da diversão. Também têm reverberações do *slasher*, um outro subgênero do horror que trata os corpos desviantes de pressupostos moralistas como prováveis vítimas de um criminoso indecifrável, o qual não podemos antecipar seus atos ou

sequer vislumbrar o seu rosto. Há, portanto, uma *necropolítica* em ação nesse currículo, semelhante ao *gore* e ao *slasher*: violenta, insidiosa, que de início não sabemos de onde vem e mal conseguimos intuir a sua justificativa. Uma forma justificada de extermínio, cujo argumento apela à transgressão ao estatuto da normalidade.

Sorvedouro de vidas. Moedor de singularidades. “Sentenças de morte” atribuídas de maneiras distintas aos variados marcadores da diferença. Nesse sentido, gênero, sexualidade e raça tornam-se “contraindicações”, isto é, elementos que qualificam a vida e tornam a morte mais ou menos provável. Nesse sentido, as transgressões às normas têm sido configuradas como uma espécie de “programa de milhagens” para uma sentença de morte apriorística, cujo “score” advém de uma matriz no qual o determinante é calculado e tornado reconhecível a partir de um gradiente de intensidades dos diferentes marcadores sociais.

O que pode ensinar, por exemplo, uma narrativa midiática seriada como “The O.C”, ao significar o envolvimento amoroso da protagonista com outra mulher a um dos elementos “autodestrutivos” que culmina, posteriormente, com a sua morte? As evidências da nossa investigação têm apontado para uma espécie de lógica de “cabo de guerra” das formas de estarmos no mundo. Não nos enganemos: não se trata apenas de imagens fantasiosas, presumidamente deslocadas de uma “realidade” inacessível pela ficção. É preciso reconhecer, conforme nos aponta Butler (2021), a nossa vulnerabilidade em relação à linguagem. Essa capacidade de sermos feridos/as pelos enunciados de um discurso justamente por sermos seres linguísticos, sujeitos que necessitam da linguagem para existir. Nesse sentido, se a linguagem é o que sustenta o nosso corpo, ela pode, em contrapartida, “também ameaçar a sua existência” (Butler, 2021, p. 18). Um tipo específico de ferimento que só é possível pelo modo como a linguagem performatiza a violência.

Com isso, temos tentado compreender como uma certa “escala de morticínio” divulgada pelas imagens das narrativas midiáticas seriadas tem rasurado as noções pelas quais somos capazes de identificarmos os indivíduos como seres humanos e as suas vidas como plenamente “vivíveis”. São enquadramentos que têm recorrido a uma gramática da violência para dar espessura às formas dissidentes dos sujeitos se expressarem quanto ao gênero, sexualidade e raça. E quais seriam as consequências desse confisco das nossas existências? Como os nossos corpos se manifestam ao menor contato com essas linhas de morte e de destruição capazes de rebater possíveis linhas de fuga?

Assumimos uma perspectiva semelhante ao que argumenta Bom-Tempo (2021), entendendo o sintoma como o indicativo político de um corpo capturado por técnicas e estratégias que objetivam cooptar o desejo em uma certa racionalidade

capitalística. Neutralização das dissidências, sacralização do “normal” em detrimento daquilo que difere, zumbificação frente aos horrores *ne(cr)oliberais* são alguns desses traços somatopolíticos gestados na confluência de forças que amputam as nossas potências e que nos tornam vulneráveis aos afectos tristes. A tristeza passa a ser encarada, portanto, não mais como um mero estado sensorial de ordem pessoal, mas como uma efetiva “política de gestão das massas” (Bomtempo, 2021, p. 65), isto é, uma estratégia biopolítica para produzir cada vez mais corpos esgotados, angustiados, atemorizados, em crise.

Esconder para neutralizar. Ocultar para normalizar. Tal gradiente de vida e morte também confere uma certa oportunidade para a correção dos desvios. Esse é um dos achados da nossa pesquisa: uma “tecnologia de cafetinagem” acionada pelo currículo das narrativas midiáticas seriadas. Tal tecnologia, a partir de técnicas e estratégias diversas, tem se interessado por uma espécie de “gradação” entre o normal e o anormal, de tal modo que possa dirigir-se aqueles/as que estão menos integrados aos seus pressupostos heteronormativos para que neles/as possa, a partir de uma “pedagogia do armário”, intervir, normalizar e neutralizar por meio de uma gramática da violência. Tal gramática tem buscado estabilizar os comportamentos dissidentes a partir de um sistema de raciocínio pelo qual a coerência de gênero e de sexualidade estão fundamentadas em uma matriz heteronormativa. Às custas da própria existência ser obliterada, personagens potencialmente *queers* são ocultados/as, levados/as aos recônditos dos armários e incitados/as a entrar na composição de uma subjetividade zumbi que se expressa em múltiplas posições de sujeitos.

Matar para “limpar”. Exterminar para “purificar”. O esfacelamento das dissidências como um modo de conduzir condutas. É disso que trata uma outra tecnologia que encontramos nesse currículo, nomeada de “tecnologia de apoptose”. Essa tecnologia, frente às dimensões de gênero, sexualidade e raça, tem criado condições que justifiquem a possibilidade de expurgo daquilo que considera como indigno, impuro ou perigoso. Quanto mais os corpos empilham, menos suscetíveis tornam-se os “puros” aos flagelos dos desviantes das normas. É nesse sentido que significamos esse currículo como um *necrocurrículo*: um artefato pedagógico cuja ação regulatória dá-se em torno da qualificação de modos de vida e, conseqüentemente, distribuição de mandos de morte. A tecnologia de apoptose configura-se como a expressão máxima da política de morte acionada por esse currículo, a última instância que ele recorre para uma “ortopedia” das sexualidades dissidentes e dos desvios de gênero e de raça. Em outras palavras, o necrocurrículo amplifica aquele “poder normalizador” que o artefato recorre no exercício da tecnologia de cafetinagem. Já não é mais suficiente apenas ocultar aquilo que desordena, de enclausurar os sujeitos que deslizam as normas, de objetivar consertar as suas dissidências; há de se exterminar, extirpar, arrancar o

mal pela raiz, defasar um determinado grupo em relação aos outros e multiplicar essas vias de se fazer morrer.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROFILAXIAS PARA UM CURRÍCULO COEXTENSIVO À VIDA

É perceptível que nossa investigação, a uma primeira vista, versa sobre morte. Sobre tecnologias interessadas em dimensionar quais são as vidas vivíveis e aquelas matáveis, quais são aquelas capazes de serem consertadas em suas dissidências ou simplesmente extirpadas na impossibilidade de normalizá-las. Mas, de algum modo, esse trabalho também possibilita falar sobre um importante efeito adverso desse currículo: se a morte é um sintoma esperado, a própria vida configura-se como um efeito imprevisível.

É sempre possível traçar uma nova rota, criar um caminho. Até aquilo que pressupunha zumbificante pode ser afirmação de vida, pode deflagrar outros acontecimentos, pode contar outras histórias. Ilhas de respiro. Percebemos, em nosso itinerário investigativo, que é sim possível enlouquecer o currículo, torná-lo obscuro, torná-lo menor (Autor). É possível acessá-lo como um cavalo de troia, estalar os estados fixos das coisas, fazer o desejo proliferar. Mesmo um currículo atravessado por tantas imagens de violência e morte é capaz de conduzir a algumas “desaprendizagens” de gênero e de sexualidade ao seguir a linha da ironia e da paródia como rupturas significantes dos fenômenos de estratificação. Mesmo conformado a certos estratos (de gênero, de sexualidade e de raça), é possível ultrapassar algumas convenções normativas e estabelecer a abertura para a constituição de outros modos de vida.

Afinal, o currículo é coextensivo à vida. É fabulação sem medidas, espessura das nossas existências. Ele pode verter sangue, mas pode também verter tanta beleza. Pode rasgar nossas peles, mas também constituir-se como um torvelinho aos nossos fascismos mais íntimos. Pode sim nos perseguir, mas também é capaz de expandir as nossas forças. Pode ser repleto de ordenamentos, mas também soerguer a diferença. *Currículo verte sangue. Currículo transborda vida.*

Palavras-chave: Currículo; Narrativas Midiáticas Seriadas; Gênero; Sexualidade; Raça.

REFERÊNCIAS

BOM-TEMPO, J. O que podem os corpos quando não há amanhã?*In*: MONTEIRO, A; CORRÊA, M; GALLO, S. (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e Corpo e Cena e Máquina e... 1a ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 61-86

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. 1a ed. São Paulo: UNESP, 2021.

CARVALHO, A. F. Maquinejos na mecosfera: escaros, escárnios e escândalos como cena dos corpos. *In*: MONTEIRO, A; CORRÊA, M; GALLO, S. (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e Corpo e Cena e Máquina e... 1a ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 179-196.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

PARAÍSO, M. Currículo, desejo e experiência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 277-293. 2009.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 1a ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

[1] "Maratonar" uma narrativa seriada significa assistir vários episódios ou até mesmo temporadas inteiras em uma sequência ininterrupta. Disponível em: <https://twitter.com/NetflixBrasil/status/1241011465781481476>. Acesso em: 05 Abr. 2024.

[2] Disponível em: <https://twitter.com/NetflixBrasil/status/1219722638567841792>. Acesso: em 19 Nov. 2023.

[3] Disponível em: <https://twitter.com/NetflixBrasil/status/1303440923259547648>. Acesso em: 19 Nov. 2023.

[4] *Watchlist* é um termo utilizado para a lista de séries a serem assistidas posteriormente pelos/as seriadores/as.

[5] Disponível em: <https://twitter.com/NetflixBrasil/status/1058694278740733952>. Acesso em: 19 Nov. 2023.

[6] Disponível em: <https://twitter.com/PrimeVideoBR/status/1363247057553813505>. Acesso em: 19 de Nov. 2023.

[7] Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1846129-binge-watching-eleva-risco-de-morte-precoce-dizem-estudos.shtml>. Acesso em: 19 Nov. 2023.

[8] Disponível em: <https://twitter.com/globoplay/status/1268708489569894405>. Acesso em: 19 Nov. 2023.